

Bialik, um colégio pequeno que tem ar familiar

O Colégio Chaim Nachman Bialik se distingue dos demais, além do fato de ser uma escola israelita, por ser um colégio muito pequeno. No colegial são apenas 106 alunos, distribuídos em três classes, uma por série (veja quadro). O tamanho faz com que a escola tenha um ar familiar, todo mundo se conhece e o atendimento ao aluno é individualizado.

Se por um lado essa característica é uma evidente vantagem, por outro acarreta alguns problemas. Em primeiro lugar, há um certo paternalismo por parte da coordenação, que chega a tratar os alunos como

crianças. No dia da entrega das notas o cenário era esse: meninas (parece que os homens ainda não choram) chorando por terem pego recuperação, a sala dos professores abarrotada de alunos pedindo revisão de notas ou simplesmente reclamando e o coordenador do colegial explicando pacientemente para uma aluna porque ela deveria fazer quinta avaliação. A média no Bialik é sete, sendo que há uma quinta avaliação para quem não completou 28 pontos.

O colégio é israelita, mas não é religioso e não há exclusivamente alunos judeus. Segundo a direção,

cerca de 15% dos alunos e metade do corpo docente não são judeus. No colegial não se ensina mais hebraico (que se aprende no ginásio), havendo apenas História e Cultura Hebraica. O curso é obrigatório para todos os alunos.

“Os alunos não judeus não são nem um pouco discriminados. No colégio não há preconceito”, dizem em uníssono Alessandra Raschkovsky e Daniela Gorski, ambas com 16 anos e no 2º colegial. “Os alunos não judeus são até disputados”, confirma Francisco Ra Maciel, coordenador do colegial.

Com relação ao problema da disciplina na sala de aula, o Bialik não é uma exceção. Deixar uma classe em silêncio parece ser um problema geral do ensino no 2º grau. “Você sabe que falar em silêncio é tipo utopia”, diz João Adamo Júnior, aluno do Dante. “Eu tenho muita dificuldade de manter a classe quieta”, reclama Roseli Parone, 29, professora de Inglês. “Eu já não vejo como indisciplina, eu acho que eles conseguem aprender sem estarem em silêncio”, retruca Paulo de Melo Galhardo, 45, professor de Matemática. (SS)